

SÉRIE V . VOLUME 3

# O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS



MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA  
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA, 2013

# Moeda islâmica no Olival do Parque (Alfange, Santarém) e a degradação de emissões monetárias em reinos de Taifas

MIGUEL TELLES ANTUNES\*, TÂNIA MANUEL CASIMIRO\*\*

## RESUMO

Escavações aquando da construção de uma moradia em Olival do Parque (Alfange – Santarém), em área sobranceira ao rio Tejo, evidenciaram, entre outras, uma estrutura habitacional com fossas próximas cheias de detritos. Numa foi encontrada uma panela em cerâmica, quase completa, contendo uma moeda a seguir descrita.

A moeda é uma fração de dirham de cobre, e não de bilhão, emitida em Badajoz pelo último soberano desta Taifa, al-Mutawakkil. Corresponde a uma das emissões de uma primeira parte do reinado, entre 460 e 461 AH e, com dúvida, até 465 AH, 1073 AD.

O limite cronológico inferior é bastante rigoroso. A moeda pode ter sido utilizada mais tarde, embora deva ter passado a desuso ainda no mesmo reinado ou, por maioria de razão, após a extinção da Taifa de Badajoz (1094 AD) e o subsequente advento da dominação almorávida.

O estudo comparativo evidencia a degradação (e desvalorização) dos *dirhams* de Badajoz, certamente em consequência do declínio económico que antecedeu o colapso deste reino, o que é corroborado pela pioria das moedas de ouro (frações de dinar) a partir de emissões de boa qualidade; uma, representada em Santarém, na Porta do Pão, é reestudada e interpretada aqui em comparação com outros exemplares. As raras moedas islâmicas destes tempos até agora conhecidas são perfeitamente compatíveis com a integração de Santarém no Reino de Badajoz; e não sugerem o que seja sobre a hipotética independência de Santarém como

---

\* Academia das Ciências de Lisboa, Rua da Academia das Ciências, 19, 1249-122 Lisboa; CICEGE, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, e-mail: migueltellesantunes@gmail.com

\*\* Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, Avenida de Berna, 26-C, 1069-064 Lisboa, e-mail: tmcasimiro@fcsh.unl.pt

Taifa aparte, ou a existência de quaisquer outras pequenas Taifas no ocidente do Al-Andaluz.

Palavras-chave: Fração de *dirham* – Olival do Parque – al-Mutawakkil – cronologia – degradação da moeda.

#### ABSTRACT

Excavations held at a building site at Olival do Parque (Alfange, Santarém, Portugal), just facing the Tagus river, exposed the foundations of an Islamic house (among others) besides several, nearby ditches full of detritus. One of the latter yielded a nearly complete pottery pan containing the coin described in this paper.

The coin is a copper (and not billion) fractional dirham issued at Badajoz by al-Mutawakkil, the last king of that Taifa Kingdom. It corresponds to one of the emissions from the beginning of his reign between 460 and 461 AH (and doubtfully until 465 AH or 1073 AD).

The lower time limit is quite accurate. However the coin may have been in use until somewhat later. It perhaps would be replaced during the same reign or, with stronger reason, after the fall of the Badajoz Taifa (1094 AD) and the subsequent domination by the Almoravids.

Comparative study of microprobe analyses shows that dirhams issued by the Badajoz Taifa during his last ruler's reign were entirely debased and made of nearly pure copper, this being certainly related to an important economic crisis before the same reign's final breakdown.

This is further corroborated by the debasement of gold coins (fractional dinars), at first made from high gold contents' alloys, and later from much poorer, low gold contents' ones. Among the former, a good specimen that was found quite nearby at Porta do Pão (Santarém) is revised and interpreted here in comparison with other specimens.

The so far known, rare Islamic coins from these times are perfectly in agreement with Santarém's integration in the Badajoz Taifa kingdom. They suggest nothing at all about the hypothetical independence of Santarém as a distinct Taifa, or on the existence of any other small Taifas in the western part of the Al-Andaluz.

Keywords: Fractional dirham – Olival do Parque – al-Mutawakkil – chronology – coin debasement.

### O SÍTIO DE ALFANGE<sup>1</sup>

Durante os trabalhos de acompanhamento da construção de uma moradia unifamiliar em Olival do Parque (Alfange – Santarém), entre 2 de novembro e 16 de dezembro de 2010, financiados pelo proprietário, foram descobertos testemunhos arqueológicos de época islâmica. A intervenção, da responsabilidade de Telmo Silva e Tânia Casimiro, foi efetuada pela ARPA – Arqueologia e Património, L.<sup>da</sup>

A área estava referenciada como de elevado potencial arqueológico devido à descoberta de um silo nas proximidades, aquando da abertura de uma estrada, obrigando ao acompanhamento arqueológico de qualquer interferência.

A intervenção arqueológica decorreu em área sobranceira ao Rio Tejo, com as coordenadas: Latitude, 39° 13' 34,46" ou 39.226238, Longitude, 8° 40' 40,32" ou 8.677866. Foram identificados alicerces de diversas estruturas, de taipa ou de pedra. Dentre as construções, foi reconhecida uma estrutura habitacional, subretangular, com paredes de taipa e cujo telhado seria de telha; com efeito, foram encontrados numerosos fragmentos de telha, tanto no interior como fora do compartimento.

No seu interior há uma grande lareira, a ocupar um nicho devidamente construído para o efeito. Esta solução arquitetónica, pouco conhecida na zona centro do nosso país, tem paralelos em Siyâsa, Múrcia (Navarro-Palazón e Jiménez-Castillo, 1996). A esta casa estavam associados dois buracos de poste, equidistantes, no exterior da parede onde se abriria a porta, os quais podem ter suportado um pequeno alpendre.

Nas imediações foram identificadas várias fossas preenchidas por detritos, incluindo conjuntos de cerâmicas e fauna, interpretados como pequenas áreas

---

<sup>1</sup> Por Tânia Casimiro.

de despejo. Num desses conjuntos foi encontrada uma panela quase completa (figs. 1 e 2), globular, com caneluras no bojo, lábio de secção semicircular e fundo plano. A pasta, homogénea e compacta, apresenta elementos micáceos e de quartzo; granulometria média a fina. As paredes, negras, revelam claramente cozedura em ambiente redutor. O diâmetro do bordo é de 124 mm, sendo de 6 mm a espessura média das paredes. A altura total do recipiente é de 161 mm.

A panela foi recolhida em bloco. No seu interior, escavado aquando do tratamento dos materiais, apareceu um único objeto, a moeda agora dada a conhecer, a qual, aliás, fornece datação bastante precisa.

A tipologia daquele recipiente é semelhante à de outros que têm sido identificados em Santarém, em contextos da primeira metade do século XII (Viegas e Arruda, 1999), anteriores, portanto, à conquista de Santarém pelas forças cristãs. A cronologia formal encontra-se ainda em conformidade com a restante cultura material identificada no Olival do Parque – em que taças, caçoila, cântaros e jarrinhas apontam para os últimos tempos da ocupação islâmica naquela cidade.

O aparecimento de moedas em contextos islâmicos é raro em Santarém, sendo o numisma recolhido em Alfange o segundo identificado, por ora; o primeiro foi um dinar do século XI, encontrado nas escavações da Ribeira, junto da Porta do Pão (Batata, Barradas e Sousa, 2004, p. 72).



Fig. 1 – Panela globular *in situ*. Continha a moeda da Taifa de Badajoz aqui estudada. Globular cooking pot *in situ*. It contained the fractional dirham from Badajoz Taifa Kingdom studied here. Olival do Parque (Alfange – Santarém). Foto de/Photograph by Telmo Silva.



Fig. 2 – A mesma panela. Forma globular com caneluras no bojo, lábio de secção semicircular e fundo plano. The same pan, globular shape with a grooved surface, semicircular opening and flat bottom. Desenho, vista lateral e secção/Drawing, lateral view and section. Escala gráfica/Scale, 10 cm. Desenho de/Drawing by Ana Filipa Ferreira.

## 1. ESTUDO NUMISMÁTICO<sup>2</sup>

### 1.1. Introdução

Escavações levadas a cabo em Alfange (Santarém), no Olival do Parque, pela arqueóloga Tânia Manuel Casimiro permitiram encontrar um vaso de cerâmica contendo uma moeda islâmica. O contexto permitiu considerar o nível de proveniência como dos séculos XI-XII. A moeda foi-nos comunicada para identificação, em 21 de março de 2013, pela descobridora.

No que concerne a dados históricos, utilizámos elementos que constam de uma síntese recente (Sidarus, no prelo).

Toda a área está repleta de vestígios islâmicos ou moçárabes, com realce para topónimos:

- Santarém, شذترين (Xantarīn), derivado de *Santaren* (baixo latim) referindo Santa Iria. Manteve-se, em especial, por ter permanecido capital de *kura* (região), tal como Coimbra, por se ter submetido celebrando um pacto; o que permitiu salvar a larga autonomia e manter estruturas sociais e económicas. Islamização e imigração de islâmicos de outras regiões foram limitadas. Daí a importância de moçárabes. O contexto favoreceu atividades intelectuais, mesmo sob domínio da dinastia aftácida, reinante na taifa de Badajoz.
- Alfange, الخنجر al-Ḥanjar, «Especie de Espada, ou faca larga, e curta» (Sousa, 1830, p. 37-38), que prossegue «Tambem he nome de hum bairro em Santarém, que fica á borda do Tejo». Segundo nota infrapaginal (idem, p. 38): alfange, derivado de الحذش al-Ḥanx, cobra ou víbora, é o nome do vale a Sul de Santarém. Por aí se subia para a cidade utilizando um caminho sinuoso, «serpenteando».

### 1.2. Descrição

#### 1.2.1. Carateres gerais

Acompanhavam o espécime as indicações seguintes:

«Sond. | Quad: Pote 2 | U.E. [1] | Data: 3/11/2010»

O exemplar (figs. 3 e 4) apresenta revestimento superficial verde, de malaquite, que abrange a totalidade da moeda. Sem remoção parcial não permite observar o aspeto da liga que, em princípio e de acordo com a bibliografia, deveria ser de bilhão, liga *Ag/Cu* com menos de 50% *Ag* (ver adiante análises e conclusões).

**FORMA:** irregular, aliás evidenciada pelas legendas inscritas em campo circular, incompleto. Grosseiramente quadrangular, com dois bordos maiores, algo curvos, em bisel. A cunhagem terá incidido num disco demasiado pequeno para

<sup>2</sup> Por Miguel Telles Antunes.



Fig. 3a – Fração de *dirham* de al-Mutawakkil, último rei da Taifa de Badajoz – **Anverso**. Foto de/Photo by T. M. Casimiro Fractional dirham from al-Mutawakkil, the last King of Badajoz – **Obverse**.



Fig. 3b – Fração de *dirham* de al-Mutawakkil, último rei da Taifa de Badajoz – **Reverso**. Foto de/Photo by M. T. Antunes. Fractional dirham from al-Mutawakkil, the last King of Badajoz – **Reverse**. Escala em/Scale in mm.

os cunhos; os bordos laterais retilíneos, quase paralelos, de secção quase vertical, parecem resultar de corte com tesoura.

#### DIMENSÕES (mm) e PESO (g)

Medidas foram tomadas com craveira eletrónica (precisão de 0,01 mm), cerca de uma dezena para cada caso. O peso foi determinado em balança eletrónica (precisão de  $10^{-4}$  g), arredondando ao centígrama.

Comprimento máximo, 10.3.

Largura máxima, 15.9.

Dimensão entre os extremos do maior limite curvo, 15.8.

Idem do menor limite curvo, 14.3.

Dimensão máxima do maior limite retilíneo, 7.2.

Idem do menor limite retilíneo, 6.7.

Espessura, 1.24.

PESO, com a peça ligeiramente limpa de ganga para melhor identificar as legendas, 1.05.

#### 1.2.2. Legendas

Se completo, o espécime teria legendas em quatro linhas, no anverso e no reverso. Haveria legendas periféricas onde constariam elementos religiosos, local de cunhagem e data, não conservados.

Recorremos como literatura fundamental às obras clássicas de Codera y Zaidin (1879, nova impressão, 1977), Lavoix (1891, reimpressão 1977), Vives y Escudero (1893, nova impressão 1978) e Gómez (1992). Também utilizámos as de Album (1998) e García *et al.* (2000).

### ANVERSO

Não restam vestígios interpretáveis de legendas periféricas. As partes entre [ ] faltam ou não estão expressas. Antecipamos o preenchimento de partes da legenda não conservadas em resultado da conclusão do estudo que segue.

الحاجب	al-Ḥājib	O Chanceler, Primeiro-ministro
لا اله الا	Lā llāh illā	Não [há] Deus senão
[الله و [ح] ده]	[Allā waḥ]dahu	Deus, só Ele (único)
Falta (fora do 'flan') مجد الدولة	– Devia ser Majd al-Daula	– Glória do Estado

### REVERSO

Vestígio reduzido, ilegível, de legenda periférica.

Falta (fora do 'flan'), mas المتوكل	– Falta, mas al-Mutawakkil	– O que confia [em Deus]
الامام عبدالله	al-Imām cAbd Allāh	O Pontífice Servo de Deus
الموید بالله	al-Mu'ayyad bi-llāh	O fortalecido por Deus
على الله	calā-Allāh	O Deus

Característica notável do ponto de vista cronológico, assinalável desde já: o elemento 'alā-Allāh só foi utilizado em moedas de al-Mutawakkil entre 460 e 465 AH (Gomez, 1992, p. 228).

### 2.3. Contexto histórico

A escrita, em caracteres cúficos evolucionados, exclui os fūlūs do tempo dos Governadores do Al-Andaluz até os primeiros do Califado, no princípio do reinado de 'Abd al-Raḥman III. A produção de *fūlūs* (*fahls*, no singular, moedas de cobre) seria retomada no derradeiro reino islâmico peninsular, o de Granada, mas estes são muito diferentes; nenhuma confusão é possível.

Assim, é grande a probabilidade de se tratar de um *dirham*, a moeda mais comum do Amirado e Califado. Manteve-se de prata de boa liga até algo além da revolução (*Fitna*) de 399 AH ou 1008-1009 AD. Esta fragmentou o al-Andaluz em reinos dissidentes, as primeiras taifas (os mais importantes em **negrito**): **Badajoz**, Silves, Santa Maria al-Ḥarūn (Faro), Huelva, **Sevilha**, Carmona, Córdova, **Toledo**, **Granada**, Málaga, Ronda, **Algeciras**, **Almería**, **Múrcia**, Denia, Elota, **Valência**, Cuenca, Tortosa, Maiorca, Lérida, Calatayud, Tudela, **Saragoça** e outros.

[Nota: ao indicar a data relativamente à Hégira (em 16 de Julho de 622 AD) é de notar que, dada a duração diferente (ano árabe, AH, lunar, com 354 dias), não há equivalência exata com os anos solares de 365 ¼ dias, os AD; exemplo, 399 AH começou em 5 de setembro de 1008 e terminou em 24 de agosto de 1009].



Crescentes dificuldades económicas, potenciadas por guerras, por exemplo entre Badajoz e Sevilha, conjugadas com a pressão dos cristãos de que algumas taifas eram tributárias, impuseram a pioria das ligas de ouro: às vezes reduzidas a eletro (mais prata que ouro), ou com cada vez mais cobre, que chegou a ser largamente maioritário (Antunes e Pais, 1997). Rareiam os dinares; a moeda de ouro, quando a há, não passa, na maioria dos casos, de frações de dinar sem peso nem liga certos.

Quanto aos *dirhams*, a moeda mais corrente desde o Amirado, a liga de prata passou a bolhão cada vez mais aviltado, até só cobre. Verificámos com uma série do Califa Hammúvida, Yahyà al-Muʿtali Billāh: primeiro, redução do módulo e peso, depois, empobrecimento.

No caso em estudo, não se tratando de moeda de ouro, que tenderia a ter maior expansão, surgem como mais possíveis as taifas vizinhas: Badajoz, Sevilha e Toledo, governadas respetivamente por soberanos das dinastias dos Banū al-Aftas (Aftácidas), dos Banū ʿAbbād (Abbádidas) e dos Banū Dū-l-Nūn (Dul-Núnidas). Embora *a priori* menos prováveis, não deixámos de estabelecer comparações com *dirhams* de outras, i.e. Algeciras, Granada, Valência, Denia e Saragoça, mas as diferenças levam a dispensar análise mais pormenorizada.

Na proximidade de Santarém, estava-se em plena taifa de Badajoz. Independentes após a desapareção de Ḥiṣām II, derrubado, substituído no califado (e decerto assassinado) por Suleyman al-Mustaʿin e os berberes que o apoiavam, prosseguiram guerra, em regra desfavorável, com Sevilha e, esporadicamente, com Toledo.

O rei Muḥammad al-Muẓaffar (437-455 AH, 1045-1063 AD) combateu Fernando Magno (I) de Leão e Castela, que conquistou Coimbra (1064). O rei de Badajoz passou a pagar tributo.

A al-Muẓaffar sucedeu o filho, Yaḥya al-Manṣūr. Porém, a sucessão foi contestada pelo irmão, governador de Évora, Abū Ḥafṣ ʿUmar al-Mutawakkil, o qual se proclamou independente. Nesta guerra civil foram apoiados, respetivamente, pelos reis de Toledo e Sevilha.

À morte de Yaḥya al-Manṣūr em 460 AH, 1067 AD, o irmão ficou isolado no poder. Perderia Coria (471 AH, 1078 AD) para Afonso VI, a quem Toledo se rendeu (478 AH, 1085 AD). Daí o associar-se a Toledo e Sevilha no apelo de socorro ao almorávida Yūsuf ben Tašfīn, que combateu os cristãos – com êxito parcial na batalha de Zalaca, mas insucesso na, ainda mais importante do ponto de vista estratégico, reocupação de Toledo.

Yūsuf eliminou reis de taifas, incluindo os que para ele haviam recorrido. Assim, o último rei sevilhano, o célebre político e poeta al-Muʿtamid, foi destronado (484 AH, 1091 AD), perdendo filhos e bens para se finar, prisioneiro, em Marrocos.

Na conquista almorávida de Sevilha participou al-Mutawakkil, em aliança contra os rivais sevilhanos, no intuito de conservar o reino. De nada lhe valeu. Sitiado em Badajoz por Yūsuf, pediu auxílio a Afonso VI, cujas forças não chegaram a tempo. Prisioneiro, foi executado com dois dos filhos (487 AH, 1094 AD).

A taifa de Badajoz emitiu frações de dinar e *dirhams* supostamente de bolhão, a par de, no fim, pequenas moedas de prata segundo padrão almorávida (quirates).

A taifa de Sevilha, a mais rica, produziu dinares excelentes e numerosas frações de dinar, raros *dirhams* de prata e do que geralmente é considerado como «bolhão», escassos hoje em dia.

Entretanto, a taifa de Toledo emitiu de início frações de dinar de boa qualidade, mas a liga aviltou-se a ponto de ter muito mais cobre que ouro (Antunes e Pais, 1997). As moedas eram minúsculas. Toledo produziu *dirhams* e frações.

## 2.4. Identificação

### 1.ª HIPÓTESE: TAIFA DE TOLEDO

A fórmula de legenda detetada não ocorre em nenhuma das moedas dos soberanos de Toledo citadas no elenco, particularmente abrangente, de Vives y Escudero (1893):

**al-Zāfir** Abū Muḥammad Ismā‘īl (428?- 435 AH, 1036? – 1043 AD),

**al-Ma‘mūn** Abū-l-Ḥasan Yaḥyà I (435-467 AH, 1043-1075 AD),

**al-Qādir** Yaḥyà II (467-478 AH, 1075-1085 AD).

A moeda em estudo não indica local de cunhagem, por falta da legenda periférica.

Em conclusão, podemos afirmar que a moeda **não foi batida em qualquer das localidades sob domínio dos Dul-Núnidas**: Toledo, Medina Toledo, Cuenca, Medina Cuenca, Medina Córdoba, Valência, Medina Valência. Também não nas moedas dos mesmos soberanos em que não foi indicado local de cunhagem.

**A hipótese «Toledo» está eliminada.**

### 2.ª HIPÓTESE: TAIFA DE SEVILHA

Quanto aos Abbávidas, com base em Sevilha, designada por ‘al-Andaluz’ pelos dois primeiros:

**al-Qādī** Abū-l-Qāsim Muḥammad (414-433 AH, 1023-1041 AD),

**al-Mu‘taḍid** bi-llāh Abū-‘Amr ‘Abbād (433-461 AH, 1042-1069 AD),

**al-Mu‘taḥid** Abū-l-Qāsim Muḥammad (461-484 AH, 1069-1091 AD). As localidades onde foi batida moeda em nome deste último foram al-Andalus, Medina Sevilha, Medina Córdoba, Múrcia, Medina Múrcia.

As raras cunhagens do primeiro rei são em nome do Califa Ḥiṣām II, pelo que são fáceis de distinguir. **Não lhes corresponde.**

São frequentes as cunhagens do segundo rei. Ora, a segunda linha da legenda do reverso: al-Imâm ʿAbd Allāh, é incompatível com todas as emissões de al-Muʿtaḍid, porque este persiste em invocar um Califa desaparecido (Ḥiṣām II) e não um Califa teórico, indefinido, designado apenas como «servo de Deus» (ʿAbd Allāh). Confirma **esta eliminação** a quarta linha, ʿalā-Allāh, nunca presente nas moedas do mesmo.

São frequentes moedas do terceiro rei, mais as de ouro (dinares, frações de dinar) que as de prata e bolhão/cobre. Podem ser compatíveis as duas primeiras linhas do anverso, nalgumas moedas até a terceira. Há diferenças no reverso: em nenhuma das muitas moedas recenseadas aparece isolada, em baixo, a legenda « ʿalā-Allāh». Esta designação acompanha sempre o nome do rei al-Muʿtaḍid ʿalā-Allāh. Assim, é de rejeitar o último abbávida como sendo o invocado.

A moeda em estudo não foi batida no âmbito da taifa de Sevilha. **Esta hipótese está eliminada.**

### 3.ª HIPÓTESE: TAIFA DE BADAJOZ

Governaram (o primeiro\*) e reinaram:

**Sabur** al-ʿĀmirī \* (404-413 AH, 1014-1023 AD), não parece ter cunhado moeda,

**al-Manṣūr** ʿAbd Allāh (413-437 AH, 1023-1046 AD), não terá cunhado moeda,

**al-Muẓaffar** Muḥammad ben ʿAbd Allāh (437?- 455 AH, 1045?-1063 AD),

**al-Manṣūr** bi-llāh Yaḥyà ben Muḥammad (455-460 AH, 1063-1067 AD),

**al-Mutawakkil** Abū Ḥafṣ ʿUmar (460-487 AH, 1067-1094 AD).

Os últimos nunca invocam Ḥiṣām II. Conhecem-se pequenas moedas de ouro.

Quanto a al-Manṣūr bi-llāh Yaḥyà, há *dirhams* de cobre, mas não com al-Muʿayyad bi-llāh. Alguns, quando dizem «al-Ḥājib» ao cimo do reverso, referem sempre «al-Imām ʿAbd-Allāh» na linha imediatamente abaixo – outra diferença notória. Não se trata de al-Manṣūr bi-llāh Yaḥyà.

Há *dirhams* de cobre de al-Mutawakkil, além de pequenas moedas de prata semelhantes aos quirates almorávidas, traduzindo a influência destes durante os últimos tempos do reino de Badajoz.

No caso em apreço, falta o nome do governante ao cimo da legenda do campo do reverso. Porém, as outras linhas condizem perfeitamente, incluindo al-Muʿayyad bi-llāh e, em baixo, ʿalā-Allāh. Esta associação é muito peculiar. A invocação ʿalā-Allāh só é referida nos Aftácidas em moedas de al-Mutawakkil (Lavoix, 1891, n.ºs 417 e 418:144-145).

Outra fração de *dirham* (col. M.T.A.), mostra a mesma disposição das legendas e caligrafia aparentemente idêntica, possivelmente do mesmo abridor de cunhos. Veem-se as linhas em falta:

- No anverso, em baixo, 'Majd al-Daulah (مجد الدولة) = «Glória do Estado» [Maÿd al-Daula segundo Gomez, 'Machdo-d-Daulah segundo Codera y Zaidín (1879, p. 147, 263)];
- No reverso, em cima, falta a 1.<sup>a</sup> linha com al-Mutawakkil, a que se segue al-Imâm 'Abd-Allâh.

*Dirhams* de al-Mutawakkil, apenas dois do tipo em duas linhas no campo do anverso e reverso (moeda 2 do gráfico a seguir) são referidos em García et al. (2000, p. 185-186).

De al-Mutawakkil, vimos um exemplar completo, encontrado em Mértola. Mostra a legenda periférica incompleta e regista al-Andaluz (Badajoz) como origem.

*Dirhams* das primeiras emissões deste soberano são conhecidos dos anos 460, 461 e, com dúvida, 463 e 465 AH (Vives y Escudero, idem, p. 153; Gómez, idem, p. 230). Já se tinha visto que 'alâ-Allâh indica o intervalo 460-465 AH.

Não há motivos para verificar *dirhams* de outras taifas.

**Está resolvido o problema da identificação (v. Conclusões).**

## 2.5. Pesos e dimensões

As moedas da Taifa de Badajoz parecem mal conhecidas em Portugal. Nenhuma foi referida nas coleções do Museu Numismático Português/Casa da Moeda – v. Figaniér (1949).

Registemos (Tabela 1) pesos e dimensões de *dirhams* de al-Mutawakkil:

- A fração em estudo (\*);
- Outra fração, quadrangular (\*\*);
- Três completos, circulares (coleção M.T.A.).

Indicam-se as classificações segundo Vives y Escudero (1), Gómez (2) e Album (1998) (3).

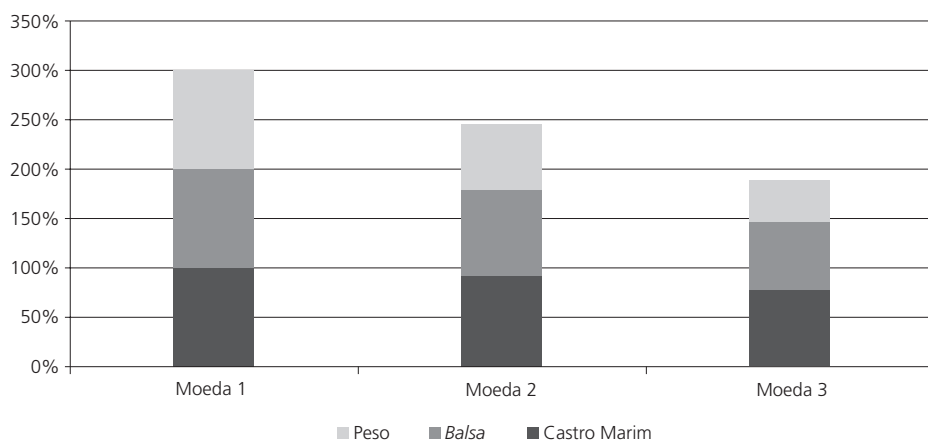
(*) Dimensões (mm) – máxima x mínima Diâmetros máximo e mínimo Espessura, máxima e mínima	Peso (g)	Classificação (1, 2, 3)	Observações
(*) 15.91 x 10.20  1.21 x 1.15	1.05	N.º 1006: 153 N.º 69: 229-230 N.º 400 B: 35 – 'Fractional dirham'	Peça em estudo de Alfange, Santarém Cobre revestido de malaquite; Disco cortado, aspeto quadrangular
(**) 15.13 x 14.60  1.56 x 1.44	1.88	Idem, - N.º 1006: 153 'Fractional dirham'	Cobre, sem cobertura de malaquite, limpa, indícios de desgaste e abrasão, campo em parte esmagado; data não conservada mas 460 – ?465 AH. Disco cortado, aspeto quadrangular. Localização desconhecida.

25.57 × 23.59 1.31 × 1.17 <b>(Moeda 1 no gráfico, a maior)</b>	3.82	N.º 1006: 153 N.º 69: 229-230 N. 400 A: 35 – Dirham	Cobre, quase completo, algum esmagamento, impressão nítida, data não conservada; encontrada em Mértola (oferta do Coronel J. A. de Carvalho Fernandes)
23.14 × 22.15 1.22 × 0.91 <b>(Moeda 2 no gráfico)</b>	3.00	N.º 1007: 153 Não referido N.º 400 A: 35 – Dirham	Campos do av. e reverso totalmente legíveis, em duas linhas; data não conservada, mas avançada no reinado, ? post – 465 AH; Cobre. Localização desconhecida.
19.64 × 18.90 0.93 × 0.77 (Moeda 3 no gráfico)	1.57	N.º 1010: 154 N.º 70: 229-230 N.º 400 A: 35 – Dirham	Campos do av. e rev. inteiramente legíveis, data não conservada, tardia no reinado, talvez ainda mais que o precedente. Cobre. Localização desconhecida.

Tabela 1 – *Dirhams* e frações de Olival do Parque (Alfange) e da Coleção M.T.A.

Percentagens calculadas com base: – nas médias das dimensões e espessuras, máxima e mínima para cada caso; – e no peso de *dirhams* (moedas 1, 2, 3) de sucessivas emissões em nome de al-Mutawakkil (tabelas 2 e 3):

	Moeda 1	Moeda 2	Moeda 3
Dimensão	100 %	92.1 %	78.5 %
Espessura	100 %	86.3 %	68.5 %
Peso	100 %	78.5 %	41.1 %

Tabela 2 – Variações de dimensão, espessura e (sobretudo) peso em três *dirhams* cunhados em nome de al-Mutawakkil, tomando como 100% os valores referentes à moeda maior.Tabela 3 – *Dirhams* de Al-Mutawakil (moedas 1, 2, 3 acima indicadas). Comparações baseadas nos valores referentes ao maior, tomados por 100 %

Mesmo com a ressalva de dispormos de poucos espécimes, são evidentes (tabela 3) as sucessivas reduções dos módulos, espessuras e, sobretudo e mais acentuadamente (como era expectável), pesos.

Tudo isto a par da pioria da liga, de boa prata no Califado, nem sequer de bolhão, só cobre (v. capítulo seguinte). Aponta no mesmo sentido o corte das peças metálicas, reduzidas a pequenas partes da área dos cunhos e, por conseguinte, a pesos menores. O metal retirado poderia ser reaproveitado.

As emissões de *dirhams* de metal pobre, conjugados com a raridade das pequenas moedas de ouro, indicam claramente uma situação de crise na taifa de Badajoz, cada vez mais acentuada.

## 2.6. Composição química das ligas dos *dirhams*

Desde os primeiros tempos, os *dirhams* eram moedas islâmicas de prata descendentes da *dracma* dos Sassânidas (Irão), que conservavam, modificado, o termo grego δραχμή. Eram excelentes, pela qualidade da liga e requinte da cunhagem, os dos Califas Omíadas, continuados pelos Abácidas.

Há raros *dirhams* dos Governadores do Al-Andaluz em nome dos Califas do Oriente. Manteve-se boa qualidade durante o Amirado resultante da vinda de 'Abd Al-Raḥman I, al-Dājil – o imigrante –único Omíada que escapou ao massacre perpetrado pelos Abácidas. Quase não houve cunhagens de prata em tempos de crise, sobretudo em tempos do Amīr 'Abd-Allāh (275-300 AH, 888-912 AD).

A emissão de bons *dirhams*, retomada com 'Abd-r-Raḥman III, prosseguiu até à revolução de 399 AH (1008 AD). Manteve-se nos últimos Califas, Omíadas e Hammúdidas, de Al-Andaluz. Destes, o derradeiro Califa Hammúdidá, Yaḥya Al-Mu'talī (412-413 AH; 416-417 AH ou 1021-1022 AD; 1025-1026 AD), ter-se-á visto compelido a desvalorizar a moeda: a *dirhams* normais sucedem outros de módulo e peso inferiores mas liga aparentemente boa, e a estes outros de liga pior. Este processo acentua-se com os pretensos «Califas» Hammúdidas de Málaga, Ceuta e Algeciras. Verificaram-se evoluções semelhantes noutros reinos de Taifas: à prata sucedem bilhões e, enfim, o cobre.

As análises seguintes dizem respeito à moeda de Olival do Parque e outras de al-Mutawakkil, acima referidas. Foram objeto de 2 ou 3 análises em pontos diferentes do mesmo exemplar, uns onde a liga estivesse bem exposta e outros com ganga, resultante de contaminações a cobrir a superfície. Há diferenças.

Foram detetados os seguintes elementos, indicados com o respetivo N.º atómico: C 6, O 8, Na 11, Mg 12, Al 13, Si 14, P 15, S 16, Cl 17, K 19, Ca 20, Fe 26, Cu 29, Zn 30, As 33, Sn 50.

Aproveitámos o ensejo para estabelecer comparações entre as ligas dos *dirhams* da taifa de Badajoz acima referidos recorrendo a microscópio eletrónico

de varrimento Hitachi S-3700N acoplado a espectrómetro de energia dispersiva Bruker X Flash 5010.

Os resultados constam da tabela 4.

Procedeu-se a análise em pontos (P1, P2, P3) do exemplar menos coberto por crostas de alteração, portanto em melhores condições para caracterizar a liga, e eventualmente noutros pontos com manifesta alteração. **Acentuámos os valores próximos de 10% ou mais.**

Elemento	N.º atómico	Série	% peso não normalizado	% peso normalizado	% átomos	Erro peso% (1 sigma)
<b>Cu</b>	29	K	79.43	<b>96.81</b>	97.52	2.18
<i>Sn</i>	50	L	2.17	<b>2.65</b>	1.43	0.10
<i>Cl</i>	17	K	0.32	<b>0.39</b>	0.70	0.04
<i>Si</i>	14	K	0.12	<b>0.15</b>	0.33	0.04
<i>S</i>	16	K	0.01	<b>0.01</b>	0.02	0.00
<i>P</i>	15	K	0.00	<b>0.00</b>	0.00	0.00
		Σ =	82.05	<b>100.00</b>	100.00	

Tabela 4 – Composições de *dirhams*. Olival do Parque, *Ponto 1*

Elemento	N.º atómico	Série	% peso não normalizado	% peso normalizado	% átomos	Erro peso% (1 sigma)
<b>Cu</b>	29	K	40.17	<b>60.66</b>	47.66	1.13
<b>Si</b>	14	K	13.16	<b>19.87</b>	35.32	0.59
<b>Sn</b>	50	L	6.49	<b>9.81</b>	4.12	0.23
<i>P</i>	15	K	2.12	<b>3.20</b>	5.15	0.12
<i>Ca</i>	20	K	1.80	<b>2.72</b>	3.39	0.09
<i>Fe</i>	26	K	1.37	<b>2.07</b>	1.85	0.08
<i>S</i>	16	K	0.61	<b>0.92</b>	1.43	0.05
<i>Cl</i>	17	K	0.51	<b>0.76</b>	1.07	0.05
		Σ =	66.22	<b>100.00</b>	100.00	

Olival do Parque, *Ponto 2*

Elemento	N.º atómico	Série	% peso não normalizado	% peso normalizado	% átomos	Erro peso% (1 sigma)
<b>Cu</b>	29	K	44.22	<b>61.96</b>	48.18	1.24
<b>Si</b>	14	K	17.07	<b>23.92</b>	42.08	0.76
<b>Sn</b>	50	L	6.18	<b>8.66</b>	3.61	0.22
<i>Fe</i>	26	K	1.69	<b>2.38</b>	2.10	0.09
<i>Ca</i>	20	K	1.47	<b>2.06</b>	2.54	0.08
<i>Cl</i>	17	K	0.46	<b>0.65</b>	0.90	0.05
<i>S</i>	16	K	0.27	<b>0.38</b>	0.59	0.04
		Σ =	71.36	<b>100.00</b>	100.00	

Fração de *dirham*, parece *Vives 1000*, *Ponto 1*

Elemento	N.º atómico	Série	% peso não normalizado	% peso normalizado	% átomos	Erro peso% (1 sigma)
<i>Cu</i>	29	K	29.08	<b>43.39</b>	26.46	0.84
<i>Si</i>	14	K	23.07	<b>34.42</b>	47.49	1.02
<i>Al</i>	13	K	6.67	<b>9.96</b>	14.30	0.36
<i>Fe</i>	26	K	3.67	<b>5.48</b>	3.80	0.14
<i>K</i>	19	K	1.66	<b>2.48</b>	2.45	0.08
<i>Mg</i>	12	K	1.47	<b>2.20</b>	3.50	0.12
<i>Ca</i>	20	K	1.39	<b>2.07</b>	2.00	0.08
		Σ =	67.01	<b>100.00</b>	100.00	

Fração de *dirham*, parece Vives 1000, Ponto 2

Elemento	N.º atómico	Série	% peso não normalizado	% peso normalizado	% átomos	Erro peso% (1 sigma)
<i>Cu</i>	29	K	82.82	<b>99.25</b>	98.69	2.27
<i>Cl</i>	17	K	0.49	<b>0.58</b>	1.04	0.05
<i>K</i>	19	K	0.10	<b>0.12</b>	0.20	0.03
<i>Ca</i>	20	K	0.04	<b>0.05</b>	0.07	0.00
		Σ =	83.45	<b>100.00</b>	100.00	

*Dirham* (Mértola), Vives 1000, Ponto 1

Elemento	N.º atómico	Série	% peso não normalizado	% peso normalizado	% átomos	Erro peso% (1 sigma)
<i>Cu</i>	29	K	27.54	<b>38.11</b>	32.11	0.80
<i>Fe</i>	26	K	23.87	<b>33.03</b>	31.67	0.68
<i>Ca</i>	20	K	9.58	<b>13.26</b>	17.71	0.31
<i>Zn</i>	30	K	6.71	<b>9.28</b>	7.60	0.24
<i>Si</i>	14	K	2.15	<b>2.97</b>	5.67	0.13
<i>P</i>	15	K	0.93	<b>1.29</b>	2.23	0.07
<i>Cl</i>	17	K	0.92	<b>1.28</b>	1.93	0.06
<i>K</i>	19	K	0.57	<b>0.79</b>	1.08	0.05
		Σ =	72.27	<b>100.00</b>	100.00	

*Dirham* (Mértola), Vives 1000, Ponto 2

Elemento	N.º atómico	Série	% peso não normalizado	% peso normalizado	% átomos	Erro peso% (1 sigma)
<i>Cu</i>	29	K	85.50	<b>98.64</b>	98.23	2,35
<i>As</i>	33	K	0.60	<b>0.69</b>	0.58	0.08
<i>Cl</i>	17	K	0.58	<b>0.67</b>	1.19	0.05
<i>Na</i>	11	K	0.00	<b>0.00</b>	0.00	0.24
		Σ =	86.68	<b>100.00</b>	100.00	

*Dirham*, Vives 1007, Ponto 1



Elemento	N.º atómico	Série	% peso não normalizado	% peso normalizado	% átomos	Erro peso% (1 sigma)
<i>Cu</i>	29	K	46.52	71.19	59.83	1.31
<i>Ca</i>	20	K	3.15	4.82	6.43	0.13
<i>Cl</i>	17	K	3.12	4.77	7.19	0.14
<i>Si</i>	14	K	3.03	4.64	8.82	0.16
<i>Sn</i>	50	L	2.16	3.30	1.49	0.10
<i>P</i>	15	K	1.91	2.92	5.04	0.11
<i>K</i>	19	K	1.61	2.47	3.37	0.08
<i>As</i>	33	K	1.59	2.44	1.74	0.13
<i>S</i>	16	K	1.48	2.27	3.78	0.09
<i>Al</i>	13	K	0.76	1.17	2.32	0.07
		Σ =	65.35	100.00	100.00	

*Dirham, Vives 1007, Ponto 2*

Elemento	N.º atómico	Série	% peso não normalizado	% peso normalizado	% átomos	Erro peso% (1 sigma)
<i>Cu</i>	29	K	85.51	99.60	99.79	2.35
<i>Sn</i>	50	L	0.34	0.40	0.21	0.05
		Σ =	85.86	100.00	100.00	

*Dirham, Vives 1010, Ponto 1*

Elemento	N.º atómico	Série	% peso não normalizado	% peso normalizado	% átomos	Erro peso% (1 sigma)
<i>Cu</i>	29	K	54.92	80.66	66.07	1.51
<i>Si</i>	14	K	10.63	15.61	28.94	0.49
<i>Ca</i>	20	K	0.87	1.28	1.67	0.06
<i>K</i>	19	K	0.87	1.28	1.70	0.06
<i>Fe</i>	26	K	0.36	0.53	0.50	0.04
<i>Al</i>	13	K	0.25	0.37	0.71	0.05
<i>S</i>	16	K	0.09	0.14	0.22	0.03
<i>Cl</i>	17	K	0.08	0.12	0.17	0.03
<i>Mg</i>	12	K	0.01	0.01	0.03	0.00
<i>P</i>	15	K	0.00	0.00	0.00	0.00
		Σ =	68.09	100.00	100.00	

*Dirham, Vives 1010, Ponto 2*

Elemento	N.º atómico	Série	% peso não normalizado	% peso normalizado	% átomos	Erro peso% (1 sigma)
<i>Cu</i>	29	K	45.92	79.51	68.55	1.28
<i>Ca</i>	20	K	3.68	6.37	8.70	0.14
<i>Cl</i>	17	K	3.39	5.86	9.06	0.15
<i>S</i>	16	K	1.76	3.04	5.19	0.10
<i>K</i>	19	K	1.19	2.06	2.88	0.07
<i>Si</i>	14	K	0.82	1.42	2.77	0.07
<i>Al</i>	13	K	0.36	0.63	1.28	0.05
<i>P</i>	15	K	0.35	0.61	1.07	0.05
<i>Fe</i>	26	K	0.30	0.51	0.50	0.04
		Σ =	57.76	100.00	100.00	

*Dirham, Vives 1010, Ponto 3*

Tentámos *a priori* testar as ligas no sentido de saber:

- Se corresponderiam a bolhão;
- Se haveria indícios de latão (*Cu* + ~10% *Sn*, mais duro que o cobre só);
- Ou *Cu* + ~5.5% *Zn* + ~1.7% *Sn* + ~1.3% *Pb*, muito moldável, para estatuária [outros bronzes com *Sn*, *P* e *Al* não interessam aqui];
- Quais as contaminações e seu eventual significado.

Os resultados justificam as conclusões apresentadas adiante.

## 2.7. Degradação correlativa do ouro de Badajoz

A degradação da moeda também afeta as emissões de ouro. Interessa verificar se haveria algum paralelismo ao que foi observado com os *dirhams*.

No caso de Badajoz, as condições nunca foram muito favoráveis. Apenas temos conhecimento de dois dinares (Gómez, 1992, p. 224-225) de Al-Andaluz 439 e 441 AH, com um possível soberano Jalid o qual, pelas datas, parece sobrepor-se a al-Muzaffar (437? – 455 AH).

Ambos estes dinares incluem referência a uma personalidade desconhecida, de nome Mu'afaq. Fora estes, o relativamente pouco ouro amodado de Badajoz limita-se a frações de dinar, de que dispomos (Col. M.T.A.) de três exemplares:

- Fração de dinar de ouro aparentemente de boa liga, provavelmente do primeiro al-Aftácida, al-Manşūr 'Abd Allāh (413-437 AH). Corresponde, apenas com troca das linhas 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> do reverso, ao n.º 1383 de Vives, que a considera incerta e a refere a Mu'afaq (Vives, idem, p. 225). Anverso, Profissão de Fé e, em cima *مق* (Mu), em baixo *ق* ('afaq); reverso, importante – em três linhas, al-Imām Hixām/ Amīr al-Muminin/ al-Mu'ayyad bi-llāh.

Restam fragmentos de legendas periféricas sem elementos acerca do local de cunhagem e data; a do anverso mostra o início ... بِسْمِ اللّٰهِ ضَرْب (Em nome de Deus foi batido ...). A invocação do desaparecido Califa Hixâm II confere-lhe carácter antigo, sem dúvida anterior aos dinares referidos por Gómez. É, portanto, anterior a 439 AH, onde, como nas moedas ulteriores, é invocado um Califa indeterminado, 'Abd-Allâh. Peso: 1.30 g.

- Fração de dinar, incompleta, do último al-Aftâcida, al-Mutawakkil (460-487 AH). Ouro algo pálido. Foi encontrada na vertente Sul do Castelo de Palmela (março de 1996). É o n.º 1001 de Vives (idem, p. 152). As legendas são as indicadas por Vives (*loc. cit.*). Peso tal qual: (>) 1.36 g.
- Fração de dinar de perfil grosseiramente quadrangular, cortado, de al-Mutawakkil. Ouro com aspeto acobreado. Pela liga, lembra moedas semelhantes da taifa de Toledo em fase avançada de degradação das emissões. N.º 1001 de Vives. Peso: 1.65 g.

As análises foram efetuadas nas condições laboratoriais das concernentes aos *dirhams*. Dadas a homogeneidade da liga e ausência de alteração, cada análise foi efetuada num só ponto (tabela 5).

Elemento	N.º atómico	Série	% peso não normalizado	% peso normalizado	% átomos	Erro peso% (1 sigma)
Au	79	L	92.07	95.53	91.23	2.69
Ag	47	L	3.52	3.66	6.37	0.14
Cu	29	K	0.78	0.81	2.40	0.05
		Σ =	96.37	100.00	100.00	

Tabela 5 – Composição de frações de dinar

Fração de dinar de (?) al-Manşūr 'Abd Allâh, afirm do n.º 1383 de Vives  
Muito boa liga (ca. 23 quilates), pouca prata, muito pouco cobre (quase vestigial).

Elemento	N.º atómico	Série	% peso não normalizado	% peso normalizado	% átomos	Erro peso% (1 sigma)
Au	79	L	92.34	92.76	82.67	2.69
Ag	47	L	2.35	2.36	3.84	1.76
Cu	29	K	4.86	4.88	13.49	1.76
		Σ =	99.55	100.00	100.00	

Fração de dinar de al-Mutawakkil, proveniente de Palmela, n.º 1001 de Vives  
Muito boa liga (ca. 22 quilates), inferior à precedente, menos prata, algum cobre (excedendo a prata).

Elemento	N.º atómico	Série	% peso não normalizado	% peso normalizado	% átomos	Erro peso% (1 sigma)
Au	79	L	46.30	47.02	23.16	1.38
Ag	47	L	6.34	6.44	5.79	0.23
Cu	29	K	45.82	46.54	71.05	1.26
		Σ =	98.46	100.00	100.00	

Fração de dinar de al-Mutawakkil, quadrangular, n.º 1001 de Vives  
Liga pobre (ca. 11 quilates), pouca prata, quase tanto cobre como ouro, menos de metade de ouro.

A sequência cronológica é clara: a fração de dinar de (?) al-Manşūr ‘Abd Allāh é obviamente a mais antiga, seguindo-se as de al-Mutawakkil: a de Palmela e, enfim, a de forma quadrangular e liga mais pobre. Esta evidencia paralelismo com a evolução das cunhagens de ouro (ou melhor, de «ouro») da Taifa de Toledo, onde às frações de dinar iniciais, de boa liga, sucedem outras cada vez mais pobres e com percentagens crescentes de cobre, que chegam a exceder largamente as do ouro (Antunes e Pais, 1997).

Em suma: pese embora o pequeno número de amostras (compreensível, porque se trata de moedas escassas ou raras), evidencia-se a manutenção de ligas de boa qualidade, ca. de 23 e 22 quilates, a que sucedem outras da ordem de apenas 11 quilates. Como em Toledo, a degradação recorria cada vez mais ao cobre, denotando a grande escassez de prata evidenciada pela evolução das ligas dos *dirhams*.

Torna-se óbvio o paralelismo com a evolução monetária de Toledo. Sevilha, reino mais rico, manteve até tarde excelentes dinares e frações, mas a prata, e mesmo o cobre dos raros *dirhams*, tornaram-se escassos.

Deixamos de lado a adoção pelo reino de Badajoz de pequenas moedas de prata – quirates – de tipo adotado pelos almorávidas, quando já estavam aliados a estes; já não se trata propriamente de moedas típicas das taifas.

A degradação das emissões de ouro dos alaítácidas corrobora, portanto, a dos respetivos *dirhams*.

## 2.8. Evidência adicional em Santarém

Tem interesse registar a ocorrência de uma moeda de ouro em Santarém, em escavações na Praça Oliveira Marreca (Porta do Pão) (Batata, Barradas e Sousa, 2004a, 2004b). Classificam-na como dinar, dando uma leitura «Com a ajuda de Ahmed El Hassani, [...]». Reconhecem-se os nomes das personalidades invocadas e indica-se o século XI como cronologia. São dados o peso (0.7 g) e N.º de inventário: POM2 694, mas não as dimensões. São referidas interpretações: a moeda «[...] é posterior ao ano 441 H (1063 AD) e que é rara, existindo apenas uma dezena destas moedas em todo o mundo». Citam o Professor Alberto Canto

(Universidad Autonoma, Madrid): «a moeda deve ser anterior ao reino de Yahya Al-Mansur, mas da taifa de Badajoz».

Apresentaremos de seguida o estudo numismático a que procedemos.

Observação óbvia, preliminar, é a de que não é um dinar, mas outrossim uma *fracção de dinar* («fractional dinar»). Não foram realizadas análises; pesem embora as limitações, admitimos que se trate de moeda em ouro de boa qualidade, como indicia a cor – tal como a mostram as figuras. Contorno subcircular, irregular; pequenas falhas na periferia. As legendas do anverso e reverso são como segue (nossa leitura). Não restam vestígios de legendas periféricas.

Pequeno tubérculo; vestígio de outra linha?	—	—
لا اله الا	Lā llāh illā	Não [há] Deus senão
الله و حده	Allā waḥdahū	Deus, só Ele (único)
مى وق	Mu'afaq	[Nome de personalidade]

#### ANVERSO

الحاجب	al-Ḥājib	O Chanceler, Primeiro-ministro
الامام عبدالله	al-Imām cAbd Allāh	O Pontífice Servo de Deus
امير المؤمنين	Āmīr al-Mūminīn	Príncipe dos Crentes
خالد	Khalid	[Personalidade desconhecida]

#### REVERSO

O nome Mu'afaq é sobremaneira interessante. Ao compulsar todo o extenso trabalho de Vives y Escudero (1893, reimpressão 1978), verificamos que figura constantemente em *todas* as moedas de Yahya al-Manṣūr, rei de Badajoz, n.ºs 991 a 999. Além destas, apenas em moedas *por ele consideradas incertas*, o n.º 1383 citando o há muito desaparecido Califa Hišām II, sem data; e o n.º 1384, referindo o Califa cAbd Allāh e o Ḥājib Khalid. Nenhuma destas duas personalidades citadas, desconhecidas, aparece em quaisquer moedas califais ou de outras taifas. Era o estado então atual de conhecimentos.

Houve, entretanto, desenvolvimentos. Gómez (1992, p. 224-228) figura dois dinares simultaneamente com os nomes Mu'afaq, no anverso, e al-Ḥājib Khalid, no reverso. Ambos mostram a localização, al-Andalus. O primeiro, que invoca o Califa Hišām II, data de 439 AH; o segundo, com referência a um Califa cAbd Allāh indeterminado, de 441 AH. Notando que as moedas de Badajoz referiam comumente al-Andalus significando Badajoz, às vezes Madīna Baṭalyaūs. As moedas em causa são de Badajoz e estão relacionadas com personalidade (Mu'afaq) relevante no reinado do alaftácida Yahya al-Manṣūr. Por outro lado, é conferida relevância a um Ḥājib de nome Khalid que, segundo Gómez (ibidem, p. 224-225),

«[...] en II A figura un desconocido, 'ḥāyib Jalid', que posiblemente debió reinar también en esta taifa en los años 439 y 441 AH. En todas ellas en I A encontramos el nombre de 'Mu'afaq', que reaparece después en las monedas de Yaḥya».

## 2.9. Conclusões

### a) Fração de *dirham* de Olival do Parque

1. Esta moeda é uma fração de *dirham* de cobre emitida em Badajoz pelo último soberano aftácida, al-Mutawakkil, rei entre 460 e 487 AH, 1067-1094 AD. Corresponde a uma das emissões de uma primeira parte do reinado, o que permite restringir aquele intervalo a 460 e 461 AH e, com dúvida, até 465 AH, ou seja, 1073 AD. Temos, pois, um lapso de tempo de apenas dois anos com possível extensão a quatro: 1067-1068 AD, até ?1073. Estamos perante um limite inferior bastante rigoroso.

2. A fração de *dirham* em estudo corresponde ao n.º 69 de Gómez (1992, p. 230, dado como de bolhão, lámina 63, al-Andaluz 461 AH); ou seja, o n.º 1006 de Vives y Escudero (1893, p. 152), identificação conseguida mesmo na falta do nome do rei.

3. Nos sítios mais libertos de ganga dos *dirhams*, predomina *Cu* quase puro (%): 96.81, no ex. em estudo; 99.25; 98.64; 99.60 em ex. de comparação. Ao invés, na moeda mais alterada verificou-se o teor máximo de 44.22% *Cu*.

4. As análises nunca revelaram *Ag*, pelo que não se trata de bilhão, nem no Olival do Parque nem em todos os de comparação.

5. O estudo comparativo evidencia a degradação dos *dirhams* de Badajoz, certamente em consequência do declínio económico que antecedeu o colapso final: é importante notar que, em vez de serem de bilhão, como se diz na generalidade das obras de referência, as análises mostram, pura e simplesmente, que se trata de moedas de cobre, indicando que degradação já se verificava muito antes do termo da taifa.

6. Ausência ou presença discreta de *Sn* não apontam para bronze; a presença talvez seja atribuível a contaminação pela proximidade de estanho. Semelhante processo teria ocorrido quanto ao *Fe* (suscetível de existir em maiores quantidades nos solos e objetos) e *Zn*, num só caso.

7. As *S* poderiam representar impurezas resultantes da extração de *Cu* a partir de sulfuretos, frequentemente associados a arsenopirite; o *S*, também pode provir de matéria orgânica.

8. Enfim, *Na*, *Mg*, *Al*, *K* e, sobretudo, *Si* indicariam contaminações com ambientes locais, enquanto *P* pode ter sido introduzido em associação com outros elementos ou derivar de restos ósseos. Em casos de contaminação, as análises diferem bastante.

## b) Fração de dinar da Porta do Pão

9. Resulta certamente de uma emissão da taifa de Badajoz, que englobava Santarém e muito mais. A data não consta; é pouco anterior ao reinado de al-Manşūr, que se admite entre 455 e 460 AH. Quanto ao limite inferior, aparentemente após a desistência da arcaica e errónea invocação de Hişām II, ainda ocorre em 439 AH.

10. Ensaaios paralelos sobre frações de dinar alaftácidas evidenciam ligas de boa qualidade, ca. de 23 e 22 quilates, decaindo para ligas de apenas 11 quilates. Como em Toledo, a degradação recorria cada vez mais ao cobre, que excede o ouro em percentagem, denotando escassez de prata. Estes factos corroboram as observações acerca dos *dirhams*.

11. A fração de dinar de Santarém data de entre 440 e 455 AH, reinando o alaftácida al-Mużaffar (437?-455 AH), se é que, entretanto, o Ḥājjib Khalid não exerceu o reinado, ao menos entre 439 e 441 AH; data provavelmente da primeira parte daquele período e em conclusão, sem certeza, de 441 AH ou 1049 AD.

12. A fração de dinar antecede, pois, a da fração de *dirham* aqui descrita. Ambas estão de acordo com a admitida inserção de Santarém na Taifa de Badajoz; no estado atual dos conhecimentos, nada aponta para que Santarém tenha constituído uma taifa aparte, ou para quaisquer hipotéticas mini-taifas do ocidente peninsular.

## AGRADECIMENTOS

À Prof.<sup>a</sup> Rosa Varela Gomes, pelas suas intervenções acerca da moeda encontrada em Olival do Parque; ao Prof. Adel Sidarus, por informações sobre Santarém e a sua região.

As análises das moedas foram efetuadas recorrendo ao microscópio eletrónico de varrimento Hitachi S-3700N acoplado a espectrómetro de energia dispersiva Bruker X Flash 5010, no Centro HERCULES da Universidade de Évora, sendo operadores Luís Dias e o Prof. José Mirão. No decurso deste processo, registamos igualmente a boa cooperação da Prof.<sup>a</sup> Ausenda Balbino, da mesma Universidade.

A todos consignamos os melhores agradecimentos.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBUM, S. (1998) – *A Checklist of Islamic Coins*. Second Edition. Santa Rosa, CA: Published by STEPHEN ALBUM. 151 p.
- ANTUNES, M. T.; PAIS, J. (1997) – Debasement of gold coinage in the al-Andalus under the Muluk al-Tawa'if (Taifas Kings – 5<sup>th</sup> Century H./ XI Century AD). *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa/ Classe de Ciências*. Tomo XXXVI, p. 257-278, 3 est.
- BATATA. C.; BARRADAS, E.; SOUSA, V. (2004a) – Novos vestígios da presença islâmica em Santarém. In *Santarém e o Magreb: encontro secular (970-1578)*. Santarém: Câmara Municipal. p. 68-77.
- BATATA. C.; BARRADAS, E.; SOUSA, V. (2004b) – Dinar. In *Santarém e o Magreb: encontro secular (970-1578)*. Santarém: Câmara Municipal, p. 119. Ficha de Catálogo 40.
- CODERA Y ZAIDIN, F. (1879) – *Tratado de Numismática Árabe-Española*. Reimpressão. Madrid: Librería de M. Murillo. XXI + 319 p. + 24 láminas + 54 p. (Cecas Árabe-Españolas).
- FIGANIER, J. (1949) – *Moedas árabes: Inventário e descrição. I Parte – Da criação do emirado espanhol à conquista de Granada (711-1492)*. Lisboa: Casa da Moeda; Museu Numismático Português. 105 + 4 p.
- CANTO GARCÍA, A.; IBRAHIM, T. IBN HAFIZ; ESCUDERO MARTÍN, F. (2000) – *Monedas andaluzas*. Madrid: Real Academia de la Historia. 378 p. Catálogo del Gabinete de Antigüedades.
- GÓMEZ MEDINA, A. (1992) – *Monedas Hispano-Musulmanas*. Toledo: Instituto Provincial de Investigaciones y Estudios Toledanos; Diputación Provincial de Toledo. 549 p.
- LAVOIX, H. (1891) – *Catalogue des Monnaies Musulmanes de la Bibliothèque Nationale. Espagne et Afrique*. [S.l.]: Arnaldo Forni Editore. 572 p. Reimpressão de 1977.
- NAVARRO-PALAZÓN, J.; JIMÉNEZ-CASTILLO, P. (1996) – Estudio sobre once casas andaluzas de Siyâsa. *Memorias de Arqueología*. Murcia. 5, p. 526-595.
- SIDARUS, A. (no prelo) – *Shantarîn*, fronteira ambivalente islamo-cristã. In *Actas do Congr. Comem. da conquista cristã de 1147*. Santarém: Câmara Municipal.
- SOUSA, Fr. JOÃO DE (1830) – *Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes portugueses, que tem origen arabica*. Anot. por Fr. Joze de Santo Antonio Moura Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias. 204 p.
- VIEGAS, C.; ARRUDA, A. (1999) – Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 105-186.
- VIVES Y ESCUDERO, A. (1893) – *Monedas de las Dinastías Árabe-Españolas*. Juan R. Cayon, editor numismático. Reimpressão. Madrid: Establecimiento Tipografico de Fortanet; Impresor de la Real Academia de la Historia. 553 p. (Colección *Obras Maestras de la Numismática Española*).